



Entre afetos e ausências: maternidade e luto no poema *Nomali*, de Lívia Natália

Jennyfer Silva Damasceno*¹, Jorge Augusto de Jesus Silva¹

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

***jennymasceno@gmail.com**

TRABALHOS COMPLETOS – GT 02: Etnia, Gênero e Diversidade Sexual

RESUMO

Este ensaio analisa as representações da maternidade e do luto no poema *Nomali* (2024), da autora Lívia Natália. Assim, observa-se como a voz poética é marcada por questões étnicas e de gênero que evidenciam as subjetividades do afeto da mulher negra por meio da ausência simbólica da filha. Para isso, utiliza-se do referencial teórico de bell hooks (2024), Patricia Hill Collins (2019), Chimamanda Ngozi Adichie (2021), Renato Nogueira (2022), dentre outros. A partir disso, a pesquisa mostra os graus históricos, afetivos, sociais e espirituais da maternidade negra, uma vez que o poema ressignifica o luto materno como um gesto de afirmação identitária e de elaboração afetiva afro-diaspórica na poesia baiana contemporânea.

Palavras-chave: Maternidade Negra e Luto. Lívia Natália. Poesia Baiana Contemporânea.

Submetido em: 18/10/2025 | **Aceito em:** 10/11/2025

INTRODUÇÃO À POLÍTICA DAS SUBJETIVIDADES EM LÍVIA NATÁLIA

A representação da maternidade como vivência e memória social, cultural e simbólica é um tema multifacetado e amplamente abordado nas poéticas contemporâneas. Nesse sentido, entre poetisas negras, as dimensões raciais da temática perpassam intersecções de ancestralidade, afetividade, ausências e resistências, pois a rede de vínculos maternos atua como ferramenta transgressora no tocante à colonização das subjetividades negro-femininas. Desse modo, o ensaio busca refletir sobre a construção da maternidade a partir da simbologia do luto no poema *Nomali*, do livro *Dia bonito pra chover* (2024), de Lívia Natália.

Logo, vale considerar que a autora é escritora, ativista, Doutora em Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura e professora do setor de Teoria da Literatura na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Além disso, ela foi consagrada a Osun e Odé no Terreiro Ilê Asé Obanan e atua, atualmente, como Mãe de Santo. Já o livro de poesia em questão aborda a espera e a busca pelo amor em suas diversas formas por meio da descentralização, ampla experimentação, melancolia e



desromantização do afeto e o empoderamento da mulher negra no encontro com o amor próprio. Aliás, a obra ganhou relevância no cenário nacional, tendo sido premiada pela Associação Paulista de Críticos de Artes (APCA) na categoria poesia em 2017 e selecionada na lista do vestibular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em 2024.

Segundo Lívia Natália, a sua produção lírica é demarcada pela figura da mulher negra. Assim, sua escrita é fundamentada nas questões raciais do seu lugar de fala, mesmo quando não aborda isso explicitamente. Sob tal ótica, a autora afirmou em determinada entrevista que “o tempo inteiro o “negra” está colado a tudo que faço, a meu gesto, ao modo como me visto, ao modo como penso, ao ser intelectual negra.” (NATÁLIA, 2017, p. 282).

Ademais, seus poemas estão atravessados pela dimensão política, principalmente, de uma política da subjetividade. Ainda mais se considerarmos que o homem e a mulher negra, na história colonial, não foram vistos como seres passíveis à experimentação de afetividades, devido à desumanização física e epistêmica. Assim, de acordo com Lívia Natália:

[...] não tem como negar que o gesto de se dizer um “eu” sendo um sujeito negro seja um gesto político. Dizer “eu sinto”, “eu vivo”, “eu amo”, “eu me apaixono”, “eu odeio”. Tudo isso, dentro da obra de arte de um sujeito negro, tem um vigor, tem um viés político muito forte. (NATÁLIA apud FREDERICO; MOLLO; DUTRA, 2017, p. 284).

A FIGURA MATERNA NA POESIA NEGRA CONTEMPORÂNEA: UMA LEITURA CRÍTICO-INTERPRETATIVA

A articulação entre luto e maternidade é condutora para uma voz poética que reivindica o direito de sentir e nomear as suas ausências subjetivas, dessa maneira, adere-se ao campo de uma estética da resistência afetiva. Dito isto, para compreender este tipo de produção artística, é necessário dialogar com teorias feministas, decoloniais e da poesia brasileira contemporânea em uma metodologia bibliográfica e reflexiva a partir da análise literária crítico-interpretativa do poema selecionado.



Nesse sentido, as principais referências teóricas utilizadas para o eixo da maternidade foram bell hooks (2024), Patricia Hill Collins (2019), Fabiana Carneiro da Silva (2017). Já os conceitos e aspectos do luto baseiam-se em Chimamanda Ngozi Adichie (2021) e Renato Nogueira (2022) e, para as características teórico-literárias, Viviana Bosi (2013) e Luciana di Leone (2014).

Este estudo foi fruto de discussões em reuniões do grupo de pesquisa PERIFAS - Afrodiáspora, Amefricanidades e Expressões da Cultura Negra no Brasil, promovido pela Área de Estudos Literários, da Universidade Estadual do Estado da Bahia (UESB) e cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Assim, os objetivos do projeto são: pesquisar sobre a edição, circulação e crítica da literatura negra no Brasil, principalmente, de autores baianos contemporâneos; o processo de ensino de literatura negra no Brasil e os territórios negros da crítica contemporânea. Isto posto, a pesquisa em questão é conduzida por uma leitura detalhada do poema *Nomali*, destacando a criação de imagens e metáforas atreladas a conceitos e aspectos teóricos sobre a maternidade e o luto de mulheres negras.

“ELA NÃO VIRÁ”: LUTO E MATERNIDADE SIMBÓLICOS EM *NOMALI*

Na história do “Atlântico Negro” (GILROY, 2012), ou seja, no vínculo cultural de povos africanos e afrodescendentes em diversas regiões do mundo após a afrodiaspora, a morte e o luto estabelecem uma relação direta com a representação da mãe negra. Exemplo disso, é um mito africano, que resumimos de modo apressado aqui nesse texto. Referimo-nos ao mito de Oyá Egun Nitá e o Gurufim, em que a mulher Oyá sonhava em se tornar guerreira e mãe.

Após a morte de seu pai, ela executou celebrações de despedida com comida, dança e canto. Olorum, deus supremo, ao observar a devoção dela, concedeu a Oyá o poder da maternidade em partos seguidos de nove crianças e cada uma representava um estágio de transição do Aiê (mundo material dos seres vivos) para o Orun (mundo espiritual dos orixás) no luto. Então, Oyá se tornou a



condutora, junto aos seus filhos, dos falecidos pelos nove períodos da morte (NOGUERA, 2022).

Nesse sentido, o poema escolhido ampara-se na percepção dos diversos estágios do luto materno. Na obra em questão, a representação da morte não é um desaparecimento físico e espiritual como na cultura ocidental, mas uma estagnação emocional entre o plano terreno e a morada dos orixás. Desse modo, o anseio da mãe negra do poema pela figura inexistente da filha que está entre mundos é sustentado pela cosmovisão, cosmoaudição e cosmotato “com a derrota das palavras e com a busca das palavras.” (NGOZI, 2021, p. 9).

Para uma análise do poema, é necessário refletir acerca da simbologia por detrás do nome Nomali, o qual é de origem sul-africana e significa “nascida da mãe/pertencente à mãe”. Sendo assim, a nomenclatura revela um forte vínculo maternal e de origem, isto é, uma herança de conexão familiar com a figura materna, bem como a utilização de nome próprio, na poesia contemporânea, atua como recurso linguístico que descortina a presença do *outro* (LEONE, 2014).

Mais adiante, ocorre a citação de Carlos Drummond antes do início do poema: “O filho que não fiz / hoje seria homem. / Ele corre na brisa / sem carne e sem nome” (DRUMMOND *apud* NATÁLIA, 2024, p. 33). A partir disso, de acordo com Luciana di Leone (2014), observa-se um trabalho com a linguagem que indica uma marca e vestígio do encontro com outros poemas e poetas, já que Drummond é uma inspiração que afeta a construção da melancolia das possibilidades maternas do eu lírico em questão, isso também é prova do aspecto relacional ou transitivo e afetivo do fazer poético contemporâneo defendido pela pesquisadora literária mencionada anteriormente.

Isto posto, partimos para a primeira estrofe da obra: “Ela não virá. / Sua presença ficará dependurada no céu / [das possibilidades / Como a música que leva seu nome / ela será bela e fluirá de uma ausência encantada.” (NATÁLIA, 2024, p. 33) É possível perceber uma forte negação inicial, ou seja, uma maternidade marcada pela não realização. Porém, o sujeito lírico ainda preserva esperanças de que a filha é uma possibilidade, algo que paira no céu enquanto transcendência, espiritualidade e destino. Dessa maneira, cria-se a simbologia de



uma espécie de fantasma de Nomali como uma “quase existência suspensa”, ou seja, que não se materializa, mas permanece na imaginação da mãe.

Assim, observa-se um paradoxo afetivo, uma vez que a melancolia e o encantamento permeiam essas figurações, a ausência não é descrita apenas como forma de dor, mas também remete à magia e ao fascínio do imaginário materno, isto é, o simples ato de fabular com um outro futuro traz conforto para o eu lírico continuar acreditando. Sobre esse apego à esperança do amor de mãe, bell hooks afirma que:

[...] muitas de nós se apegaram à esperança no amor, porque acreditamos no poder que ele tem de curar e renovar, de reconciliar e transformar. Para as mulheres negras não tem sido fácil manter a fé no amor em uma sociedade que sistematicamente desvalorizou nosso corpo e a nós mesmas. (HOOKS, 2024, p. 119).

Ainda segundo a autora, a maioria das pessoas foi amada primeiramente por uma mulher negra. Isso fica evidente através da afrodiáspora, haja vista o estereótipo da “mãe negra” fundamentado na representação da trabalhadora doméstica que é separada de seus filhos e passa a cuidar e a amamentar as crianças dos colonos dominadores. Desse modo, as figurações das “mammys” são ligadas aos seguintes símbolos: “solitária, enérgica, com autoridade respeitada pelas crianças e jovens de quem cuida e atrelada ao sentimento de tristeza e dor” (SILVA, 2017, p. 135).

De forma análoga, no imaginário social atual, ainda ocorre a visão das mulheres negras como cuidadoras integrais e as exigências modernas, principalmente, na gestação que recaem nessa comunidade através do mito da maternidade. Assim, o eu lírico é uma representação desta mulher triste e presa na dor evocada por não ter uma filha para cuidar, já que não cumpre as pressões sociais impostas a ela.

Por outro lado, a melancolia descrita pode ser explicada pelo conceito de sujeito pedra, elaborado por Viviana Bosi (2013). De acordo com a pesquisadora, nas poéticas contemporâneas, a voz lírica torna-se em coisa, negando a si própria em uma espécie de não-relação consigo mesma e com o outro. Assim, resta ao



sujeito se transformar nas coisas do mundo exterior, nessa lógica, o imaginário atua, fortemente, como a vontade de corresponder-se apesar da consciência do alheamento de si mesmo. Nesse abismo de hiatos, a figura poética escrita por Livia Natália, parece uma voz isolada que não alcança o contato consigo mesma e nem com o amado que poderia concretizar o seu desejo da maternidade, pois está estática no tempo-espço das imaginações interrompidas, ou seja, encapsulada no símbolo da filha desejada e ausente.

Já na segunda estrofe do poema: "Enquanto ela não vier, / flutuará no horizonte uma menina esguia. / Seria aquele seu nariz? / Teria ela os meus quadris? / Como explicar a ela: / filha, todo o amor é por um triz." (Natália, 2024, p. 33) Ocorre uma tentativa de corporificação das expectativas maternas. Exemplo disso é a imagem da "menina esguia", isso revela a construção de um corpo imaginário que só existe no espaço fabular da poesia.

Além disso, questiona-se sobre a herança corporal, ou seja, a projeção do corpo da mãe herdada na filha como o nariz e os quadris, ambos podem ser relacionados aos fenótipos da racialidade negra e à transmissão do orgulho do corpo negro-feminino como fator identitário. Desse modo, a maternidade é também a aspiração por continuidade geracional, pois busca-se soar nessa cadeia ancestral através do reflexo da criança desejada. Outro ponto importante é o ensinamento de que "todo amor é por um triz", esse fragmento mostra uma frustração do sujeito lírico em manter um amor contínuo em um mundo de afetos efêmeros.

*Sabemos que ela não virá
e sua ausência preencherá as madrugadas.
Levantaremos com os ouvidos exaustos
da ausência do seu choro.
Dos meus peitos brotará um leite de esquecimento
e cada dia seu será repleto do silêncio deste nome. (NATÁLIA, 2024, p. 33).*

Nesse sentido, a ambientação noturna evoca um tom sombrio e de agonia constante como uma insônia nas madrugadas. O silêncio do choro do bebê e do leite de esquecimento da mãe representam o vazio da presença



imaginada e paradoxal da ausência, haja vista o tratamento dado ao leite e ao choro, que são, convencionalmente, símbolos de vitalidade humana, porém, na composição da autora, são metáforas da esterilidade. Nessa perspectiva, a maternidade é experienciada enquanto luto e impossibilidade.

Logo, ao final do poema observa-se uma evocação dos elementos da Mãe-Natureza. “Enquanto ela não vier, / seu não-ser devastará a terra / e nada mais que se plante, se erguerá / sem que a sombra desta dor marque as colinas” (NATÁLIA, 2024, p. 33). No fragmento, cria-se uma dimensão expandida do sofrimento enquanto catástrofe natural. Desse modo, a ausência da criança abala não só o corpo da mãe como também a terra. Nessa perspectiva, as imagens de plantação e cultivo representam a conexão entre o ato de gestar e a natureza, sobretudo, devido às tradições ancestrais que assemelham à fertilidade e ao poder criativo da terra à gestação feminina.

Outrossim, já na penúltima estrofe, destaca-se a água e o ar: “Nós seguiremos, / e seremos um para outro o que é feito do vento / [nas Maresias. / A falta dela preencherá todos os dias / e nosso silêncio perdurará como as pedras que ferem / [a Água.” (NATÁLIA, 2024, p. 33). Sob tal ótica, a estrutura rítmica de fragmentação dos versos remete às imagens das ondas quebradas do mar. No entanto, as supressões com colchetes indicam que, apesar da continuidade inerente à natureza, a voz poética ainda padecerá da inércia da dor contínua. Por fim, o eu lírico demonstra a esperança na vinda da filha: “Até o dia em que, / apaziguada, / ela venha dilacerar o mistério do seu próprio nome.” (NATÁLIA, 2024, p. 33). De acordo com os últimos versos, a expectativa da figura materna ainda continua envolta no encantamento de um futuro esotérico, no qual, embora haja paz, também é marcado pela ruptura transformadora da identidade por detrás da vinda de Nomali.

UMA CONCLUSÃO: AS ENTRELINHAS DO POEMA COMO RESISTÊNCIA IDENTITÁRIA

Portanto, estudar a obra de Lívia Natália amplia as percepções acerca da poesia de mulheres negras, pois descortina extensões afetivas, históricas, étnico-



culturais, sociais e simbólicas desse grupo social. Nesse viés, a análise do luto na maternidade negra contemporânea amplia as discussões acadêmicas sobre gênero e criação literária, além de evidenciar como as entrelinhas do poema se tornam fios condutores de resistência, elaboração emocional e construção da identidade negro-feminina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Notas sobre o luto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

BOSI, Viviana. O sujeito lírico e o sujeito pedra. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 47, n. 4, p. 101-117, 2013. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v47n4/v47n4a11.pdf> Acesso em: 17 ago. 2025.

COLLINS, Patricia Hill. *As mulheres negras e a maternidade*. In: COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

FREDERICO, Grazielle; MOLLO, Lúcia Tormin; DUTRA, Paula Queiroz. "Eu sou uma mulher negra escrevendo": entrevista com Livia Natália. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 51, p. 281-285, maio/ago. 2017.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro**. São Paulo: Editora 34, 2012.

HOOKS, Bell. *Amor de mãe*. In: HOOKS, Bell. **Pessoas negras e o amor**. São Paulo: Elefante, 2024.

LEONE, Luciana di. **Poesia e escolhas afetivas: edição e escrita na poesia contemporânea**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

NATÁLIA, Livia. **Dia bonito pra chover**. 2. ed. Salvador: Segundo Selo, 2024.

NOGUERA, Renato. **O que é o luto: como os mitos e as filosofias entendem a morte e a dor da perda**. HarperCollins, 2022.

SILVA, Fabiana Carneiro da. **Maternidade negra em Um defeito de cor: história, corpo e nacionalismo como questões literárias**. 2017. Tese (Doutorado em Letras) –



XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiral da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate das perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -
V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT
III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequié Zumba : Cantinho do Griô



Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.